

fato de que Sartre tenha recomeado a esse expediente para me abordar.

Em 1939 chega a guerra e mais grave que a guerra a ocupação alemã com as perseguições em particular aos judeus. Isto atinge profundamente Lambin sem que Beauvoir ou Sartre compreendam sua ansiedade. O medo por si, por familiares e amigos frente as constantes ameaças de deportação começaram a distancia-la da alienação que sentia no casal.

As cartas de Sartre nesse verão 1939 são escritas num tom protetor insuportável () havia portanto entre nos um grave mal entendido, ele sabia que eu estava muito amedrontada pelo que se preparava e pelo que me esperava assim como todos os judeus () mas a prova mais evidente da indiferença deles reside simplesmente no fato de que um e outro romperam comigo e cessaram de me amar nesse ano de 1940 em que tudo desabou.

Esta relação amorosa entre eles que prosseguiu por cartas durante a detenção dele (minha queda polonesa meu amor) terminou com uma carta abrupta e rude de Sartre encerrando a relação de forma definitiva deixando-a em estado de profunda depressão. A luz desses fatos, pode-se melhor compreender seu choque ao descobrir 50 anos depois pelas cartas de Beauvoir a Sartre como esta o manipulava para que ele rompesse comigo fazendo-o desgostar progressivamente de minha pessoa. As razões que levaram Beauvoir a isto ficam obscuras. Cumes? Desinteresse por ela? Medo de recomeçar a vida a tres depois da guerra?

Esse afastamento de Beauvoir de Lambin não impediu que terminada a guerra retomasse sem sua amizade já em um outro nível. Em parte segunda Lambin pela identificação política entre elas em relação aos problemas da Argélia. Pode-se indagar ou se surpreender com razão que eu tenha me atraído de novo a uma relação com ela () ora acontece que era contra Sartre que eu havia guardado a maior rancor.

Tentei transmitir o essencial contido neste livro de Bianca Lambin mas é difícil dada a grande numero de biografias e escritos sobre o casal Beauvoir e Sartre deixar de lado algumas reflexões significativas de outras biografias. Concluo com o final do livro de Toni Mai: *The Making of an Intellectual Woman* Oxford UK Blackwell 1994 p. 256.

Simone de Beauvoir com seu exemplo pioneiro abriu caminho as mulheres para serem levadas a sério e amadas como intelectuais e como mulheres () não deve nos surpreender que ela também assim como todas nos vivesse dividida pelas contradições da sociedade patriarcal () Quando me dou conta do seu esforço para obter autonomia e independencia admiro ainda mais suas realizações. Admirar no entanto não é adorar. Não precisamos ser perfeitas. Simone de Beauvoir nos ensina isso simplesmente não devemos desistir. Para mim isto é um consolo e uma corajosa e ousada perspectiva.

DANDA PRADO ■

Imagens com lugar na História

Mulheres Honestas, Mulheres Faladas: uma questão de classe

PEDRO Joana Maria

Florianópolis: Editora da UFSC, 1994

Na produção historiográfica sobre mulheres realizada no Brasil há uma preocupação crescente em historicizar as relações de gênero. A reconstrução do passado num olhar aten-

to a operação das diferenças visa cada vez mais desnaturalizar a categoria mulher.

O livro de Joana Maria Pedro de agrada vel leitura apresenta um material extremamente rico. A autora trabalha com as concepções sobre a feminilidade presentes em *Desterro/ Florianópolis* no final do século XIX e início do XX, baseando-se sobretudo nas imagens idealizadas que os jornais da cidade divulgaram no período 1880-1923 e mostrando a importância destas definições de feminilidade para a constituição de novas configurações de elite. Essas imagens associadas ao comportamento ideal

das mulheres das elites são confrontadas com as práticas femininas desenvolvidas ao longo desse período por mulheres de diversas classes sociais.

Mostrando a importância da história local para uma história das mulheres no Brasil, a análise dos documentos revela o caráter de construção das imagens femininas apontando para a pluralidade das experiências femininas. Neste sentido *Mulheres Honestas, Mulheres Faladas* uma questão de classe soma-se à literatura que com crescente grau de profundidade procuram não apenas dar visibilidade às mulheres, mas contribuir para uma história das relações de gênero.

No livro, o trabalho de desnaturalização está associado à permanente preocupação por datar de historicidade as imagens femininas apresentadas pelos jornais. A autora procura compreender os sentidos dessas imagens realizando uma série de operações de contextualização. Explorando as pistas oferecidas pelo entrecruzamento de documentos presta atenção às temporalidades associadas a essas imagens. No que se refere especificamente às imagens femininas que aparecem nos jornais, particularmente a *Jornal do Comércio*, *O Republicano* e *O Dia*, sua preocupação é observar os momentos em que elas foram focalizadas com maior veemência, compreendendo como estes momentos se inserem na história local. Desta maneira, a apresentação das imagens femininas veiculadas pelos jornais está inserida numa cuidadosa reconstrução da história social de Desterro/Riojanópolis.

As imagens de mulher que aparecem em crônicas, notícias, piadas, provérbios e quadrinhos, imagens de seres universais que não possuem classe social, cor ou cultura específica, são interpretadas na marca dos reordenamentos sociais locais. A autora presta atenção às diferenças e continuidades nas imagens publicadas ao longo do período trabalhado e relacionando sua proliferação e suas modificações com os diferentes momentos políticos, sociais, as associa à delimitação das distinções entre famílias. As imagens idealizadas de mulher acompanham nos jornais cada passo das disputas locais em diferentes momentos do período crítico que se inicia com a Proclamação da República, até os primeiros anos do século XX. Segundo a autora, estas imagens explicitam a preocupação com o comportamento das mulheres, ponto-chave no processo de exclusão dos grupos que disputam o poder local. Isto porque a honra feminina, fundamental para a honra familiar, podia excluir a família da arena política.

Em um dos capítulos mais interessantes do livro (*Consolidação da Elite Política e outras Formas de Distinção*) a autora mostra como, ao mesmo tempo que as imagens femininas divulgadas pelos jornais tomam-se menos frequentes no final da década de 1910 e início da década de 1920, configuravam-se novas formas de distinção. O registro da participação feminina nas colônias sociais e em atividades culturais e beneficentes passa a formar parte das novas configurações de distinção. A autora analisa a nova definição de feminilidade estabelecida para as mulheres da elite que passam de mães carinhosas e dedicadas a beneméritos e professoras dos pobres. Ao mesmo tempo, Joana Maria Pedro oferece, através da descrição das sociedades femininas dedicadas à assistência e recreação, do despontar de novas atividades desempenhadas por mulheres das classes média e alta e da participação feminina na esfera literária, um quadro vivo da sociabilidade feminina no período.

Finalmente, a autora relativiza a importância do jornal como fonte histórica, oferecendo uma visão da história social das mulheres de Desterro/Riojanópolis, na qual procura reconstituir a vida das mulheres de camadas populares. Trabalhadoras, prostitutas, amasias são rastreadas através de diversas fontes. As imagens idealizadas, naturalizadas e universalizadas de mulher veiculadas pelos jornais são contrapostas à variedade de atividades, comportamentos e atitudes femininas. Ao longo deste contraste, a autora apresenta informações valiosas sobre os mais diversos aspectos das vidas femininas em Desterro/Riojanópolis naquele período. Joana Maria Pedro mostra como as imagens idealizadas das mulheres veiculadas nos jornais e que serviam à distinção da elite, parteavam os registros da polícia e de seus atos na repressão às camadas populares. Mostra também o efeito diferenciado da desobediência às definições normativas da feminilidade.

Mulheres Honestas, Mulheres Faladas é um texto que expressa a preocupação com a reconstrução histórica dos papéis sociais femininos e na qual se procura desvendar normas culturais que delimitam comportamentos femininos e resistências a essas normas. Essa perspectiva permite privilegiar o recorte *mulheres* observando, ao mesmo tempo, a pluralidade de comportamentos femininos.

Olhar com atenção para os papéis diversificados desempenhados por mulheres de diversas camadas sociais, papéis que mudam ao longo do tempo, possibilita, até certo ponto,

dessencializar a condição feminina. No entanto, só fica certo ponto porque quando se trata de papéis sexuais, estes são pensados em referência a uma identidade.

A teoria dos papéis sociais é uma perspectiva preocupada com os fatores que influenciam o comportamento humano. Nesta perspectiva, os indivíduos ocupam posições na sociedade e o desempenho de seus papéis nessas posições é determinado por normas e regras sociais, assim como pelo desempenho que outros fazem de seus papéis. A maneira do teatro, nesta perspectiva, assume que o desempenho dos papéis resulta das prescrições sociais e do comportamento dos outros e que as variações individuais na atuação se expressam dentro do marco criado por esses fatores.

A ideia de posições ocupadas no desempenho dos papéis faz referência a categorias de pessoas reconhecidas coletivamente. Um dos atributos possíveis que pode operar como base para a definição dessas categorias é a idade, estabelecendo as posições a partir das quais crianças e adultos agem no desempenho de seus papéis. Outro desses atributos pode ser o sexo. Neste caso, homens e mulheres desempenham papéis culturalmente construídos em posições que derivam do seu sexo biológico: os papéis sexuais.

Quando digo que a perspectiva dos papéis facilita o recorte mulheres como foco de análise, penso precisamente nesse elemento social, o sexo, que independentemente da variedade de papéis desempenhados, é o elemento aglutinador da categoria. Isto não significa dizer que esta perspectiva necessariamente exclua os homens; na perspectiva dos papéis, há uma ênfase relacional no sentido de interação.

A perspectiva dos papéis sociais traz contribuições importantes para a reconstrução da história das mulheres. No entanto, algumas historiadoras, Joan Scott entre elas, questionam o grau em que esta, assim como outras maneiras de pensar no gênero como descritiva, possibilita lançar um novo olhar sobre o passado. Novo entendido aqui como algo mais que a ampliação de atores no cenário da história. Scott aposta no gênero, pensado como categoria analítica, como potencialmente capaz de produzir uma revolução nos paradigmas da disciplina.

É questionável que o gênero tenha esse potencial. Por outro lado, a discussão sobre a pertinência de pensar no gênero como uma categoria de análise nos termos propostos por esta autora está em aberto. O gênero é pensado por Scott como saber sobre a diferença

sexual. Um saber, no sentido foucaultiano, sempre relativo, referindo a compreensão que culturas e sociedades produzem sobre as relações humanas. Essa relativização se dita, no entanto, na segunda proposição de sua definição de gênero. Nela, o gênero é concebido como campo primário, através do qual é articulado o poder. Esta proposição, que segundo Scott contém sua teorização do gênero, embasa a metodologia proposta para tomar o gênero uma categoria de análise: a leitura dos símbolos dos conceitos normativos das instituições e organizações sociais e da construção das identidades subjetivas. Desta maneira, o gênero torna-se campo primário de articulação de poder, quase como um a priori da pesquisa, justificável nas palavras da autora porque parece ter sido uma forma através da qual o poder adquiriu significados no Ocidente e nas tradições Judaica, Cristã e Islâmica.¹

Ao longo da leitura do livro, carvarias vezes, na tentação de imaginar o que sucederia se, em lugar de pensar nas mulheres como pontos nodais que não podem ser ignorados na reconstrução da trama social, como sugere Joan Maria Pedro, pensássemos no gênero como um desses pontos nodais. E penso aqui no gênero como categoria empírica, possível de uma detecção atenta aos significados e às formas como opera em determinado grupo social.

Valeria a pena pensar, como puro exercício de reflexão, para onde apontaria a análise se, por exemplo, olhássemos para a honra de uma perspectiva que considerasse as hierarquizações de gênero como parte constitutiva da complexidade das diferenciações sociais.

No livro aqui resenhado, a autora afirma que se as mulheres, no desempenho de seus papéis, fossem alvo de murrupações, que as acusassem de traçoeras, infiéis ou vaidosas, a honra das famílias estaria irremediavelmente perdida, assim como estavam em perigo as aspirações de ascensão social e a permanência nos grupos de comando. É colocada a ressalva de que não eram somente os comportamentos femininos os que colocavam em risco a família, os do mundo e dos filhos também.

¹ SCOTT, Joan Wallach. *Gender and the Politics of History*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1988, p. 2, 44, 45. Há tradução para o português dos capítulos nos quais se inserem estas ideias. A introdução foi publicada em *Cadernos Paguro* 3, Campinas, 1994, e o capítulo "Gênero: uma Categoria Útil para a Análise Histórica" na *Revista Educação e Realidade de Porto Alegre*, v. 16, n. 2, julho/desembro, 1990.

estavam em questão estes porém não são comentados pois não têm o mesmo grau de importância daqueles das mulheres.

Na perspectiva dos papéis sociais a atenção da autora volta-se para os comportamentos femininos para o melhor ou pior desempenho dos papéis atribuídos às mulheres. Elas aparecem como base da honra familiar. Mas as mulheres são colocadas nesse lugar mediante uma explicação quase circular que não mostra a operação da honra. Os jornais alertavam para os atos femininos isto sugere que o comportamento das mulheres precisava ser antes de tudo observado e delimitado porque elas eram as principais referências da honra familiar.

Em uma perspectiva de gênero a honra seria sem dúvida um elemento diferenciador/hierarquizador na disputa entre famílias. No entanto o foco está na não no comportamento mas na operação das hierarquias que tendo como referência o que é percebido como dife-

rença sexual conformam a honra como mecanismo de distinção. Haveria atributos associados às honras masculinas e femininas. Mas seria necessário compreender quais são esses atributos e como eles operam qualificando diferenciando hierarquizando incluindo e excluindo indivíduos famílias grupos político partidários etc. Isto exigiria uma perspectiva relacional no sentido de categorias em relação de diferenciação e hierarquização. O que está aqui em jogo seriam ações mas no plano das categorias. Compreender como operam esses atributos possibilitaria entender quais seriam aqueles englobantes quais os englobados em que instâncias e como o gênero operando na construção da honra participa de outras operações de diferenciação. É claro que esta perspectiva admitiria o recorte mulheres mas apenas como porta de entrada para a compreensão da operação do gênero.

ADRIANA PISCITELLI ■

O espelho próprio dos travestis

Damas de Paus O jogo aberto dos travestis no espelho da mulher

OLIVEIRA Neuzi Maria de

Salvador CEB/UFBA 1994

Neuzi Maria de Oliveira traz para a cena dos estudos de gênero no país uma importante contribuição com *Damas de Paus*. Entocando especialmente os processos de transformação no corpo e na alma realizados por homens que se travestem mostra como eles progressivamente afastam-se da imagem masculina e assumem o físico a postura e o comportamento inspirados na figura da mulher. No entanto é um gênero peculiar esse que os travestis do Pelourinho Salvador Bahia estilizam. A contribuição de Neuzi é ainda mais relevante quando levanta o véu que encobre a figura do cliente os seus desejos e a sua interação com os travestis. A linha escolhida pela autora é audaz pois pretende analisar a relação deste determinado universo com a sociedade envolvente e nesse

sentido ao mesmo tempo que seduz o leitor com *insights* importantes também incurre em certas generalizações nem sempre pertinentes.

A autora apresenta três categorias para dar conta da metamorfose homem/mulher que embora manipulem a imagem de mulher conservam suas diferenças e se reconhecem como identidades distintas. As categorias são os transformistas que cultivam o encanto do disfarce de dia são homens e de noite mulheres. Não recorrem à castração não tomam hormônios e não usam silicone. Seriam homens que em determinados momentos representam mulheres. Já os travestis são aqueles que diferentes dos transformistas ampliam os limites da alteração corporal. Frequentemente recorrem aos hormônios e ao silicone. Os seus corpos aproximam-se da forma anatômica da mulher. Os transexuais se consideram mulher na pele de homem e buscam intensamente a identidade absoluta com a mulher. A auto mutilação da genitália é um desejo recorrente mas sobretudo o imaginário feminino que perseguem e o da mulher pacata e submissa.

Formam um contínuo e se diferenciam no sentido em que se afastam dos atributos do sexo masculino e conseqüentemente aproximam